VINAGRE

UMA ANTOLOGIA DE POETAS NEOBARRACOS

EDIÇÕES V DE VÂNDALO

copyleft Edições V de Vândalo, 2013

Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos

Capa: Banksy

Obra de organização coletiva, by Os Vândalos

Por uma poética de trincheiras & quebradas: nós, Os Vândalos, apresentamos a coletânea *Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos*. Feita por todos. Este trabalho é um trabalho coletivo. A ideia inicial nasceu como gesto público de solidariedade a todos os movimentos de contestação que acontecem simultaneamente no Brasil (& também no mundo). Chamados de vândalos pela imprensa vendida, presos pela polícia por causa do vinagre que portávamos, estamos todos na batalha, na rua. Ação direta. Solidariedade & apoio mútuo.

Esta antologia é dedicada a todas as pessoas que participam de alguma maneira desse movimento de mudança. Até a vitória!

Os Vândalos

اِنْتِفَاضَةُ الْخَلِّ

“Revolta do vinagre”, em árabe. Tradução de Mamede Jarouche.

PRÓLOGO

Para Eduardo Sterzi e Fabiano Calixto

nesse momento nebuloso e inquietante, apenas uma coisa me parece certa: as manifestações não são em nome de um ou mais grupos identitários delineados. não se trata de uma luta para que se possa ser aceito enquanto "negro", "gay", "mulher", "prostituta" etc. não se trata de greve sindical, de "professores", de "bombeiros" nem de outra categoria de trabalhadores. a luta pelos direitos indígenas (pelos "índios", portanto), apesar de seríssima, por motivos também óbvios que não vêm ao caso, não recebeu até o momento a mesma visibilidade social do que a que estourou por conta dos famosos vinte centavos. não se trata tampouco de determinações partidárias, ainda que, claro, elas existam. não se trata, portanto, como era de costume acontecer, de fortalecer minorias reconhecíveis (o que seria e, sempre que necessário, é mais do que legítimo) ou um partido político específico.

o que está acontecendo passa por fora disso e, por isso mesmo, é desconcertante, e, por isso mesmo, a violência disparatada da polícia militar, como há muito não se via no brasil em manifestações públicas (não estou esquecendo a violência em geral contra os mais desfavorecidos), com o aval do governo de são paulo e, a princípio, da grande mídia, antes que os tiros de balas de borracha ferissem com gravidade tanto o rosto de uma jornalista quanto o olho de um outro, quase o tornando cego, e a força da opinião pública surpreendente e extremamente vigilante e ativa nas redes sociais os obrigasse a alterar suas posições. talvez também por isso a brutalidade policial em vários casos, mesmo após a manifestação ter sido encerrada, retirando pessoas dos bares para espancá-las, ou para jogar gás de pimenta ou sei lá pra qual outro tipo de agressão física. é qualquer um que está em questão, não importando se jornalista em trabalho, motoboy, estudante, secretária, professor, funcionário público, dono de barraquinha de água de coco, quem quer que seja. qualquer um.

parece que, nesse momento de visibilidade internacional do brasil com as imposições institucionais da fifa, do estado e do poder econômico fortemente aliados, o que está acontecendo pelas ruas do brasil diz respeito a um berro geral para que, com os gastos pessoais do cidadão imensamente ampliados, com os despejos constantes, com as remoções em grande escala, com as desmedidas da especulação imobiliária, com as obras de gosto arquitetônico questionável, com a interferência no meio-ambiente das cidades, o poder institucional/estatal/econômico não imponha consecutivamente sobre as pessoas o que elas não querem sem ser minimamente consultadas nem se sentirem minimamente representadas. há certamente ainda um desconforto imenso da maioria com bilhões e bilhões estarem sendo gastos com obras para os grandes eventos sem que, contrariamente ao que deveria acontecer, a vida dos cidadãos seja beneficiada; antes, elas estão sendo, até o momento, dificultadas. parece estar claro para as pessoas que os investimentos estão sendo direcionados predominantemente para a internacionalização do país e de algumas cidades, portanto, sobretudo, para quem não mora (ainda) por aqui.

o que está acontecendo parece ser um berro por mais possibilidade de decisão das pessoas sobre o destino das cidades e do país, sobre seus próprios destinos, para que elas possam viver um pouco mais de acordo com o que desejam para os lugares que habitam e para si mesmas, com um pouco mais de folga, com um pouco mais de espaço para margens de manobra nas decisões que deveriam ser de fato políticas e, sobretudo, o que não é diferente, na vida mesma. o que parece é que, diante dos bilhões empregados para a copa e para as olimpíadas, o vínculo das instituições em jogo, do estado e do capital, estão retirando um pedaço significativo da vida mesma das pessoas, retirando a saúde, retirando a educação, retirando o lazer, retirando uma mobilidade mais satisfatória, retirando os bens materiais e imateriais, retirando tudo aquilo que, se os investimentos fossem a favor das pessoas, as permitiriam viver em melhores condições. neste sentido, as pessoas estão se sentindo amplamente lesadas. há certamente um hiato tensivo crescente entre as pessoas e o poder: o soco do prefeito

do rio de janeiro em um cidadão que o xingou em espaço público e a repressão violenta – defendida pelo governador de são paulo – a quem gritava “sem violência” foram os últimos exemplos públicos urbanos extremados disso. quando o estado parte para a violência física na relação com seus cidadãos, a situação é grave, precisando que algo seja feito.

é curioso e me parece significativo que o estopim da mobilização tenha sido o problema do transporte, da movimentação, como se as pessoas estivessem gritando por não estarem conseguindo se movimentar na vida de modo geral como vislumbram que, com os altos investimentos sendo realizados de modo para elas inteiramente insatisfatórios, poderiam, como se estivessem presas, demasiadamente controladas pela impossibilidade de intervenção no que está acontecendo, como se não pudessem se mover em suas vidas. o que se quer, parece, é mais mobilidade, mais folga, mais espaço, mais intervalo, mais respiração, mais lazer, mais saúde, mais cultura, mais educação, mais, mais, mais, mais... para ficar com o simbólico, o que se quer parece ser uma movimentação de vida mais bem resolvida, que favoreça os cidadãos em uma vida mais tranquila. se os portugueses têm gritado “queremos nossas vidas de volta”, talvez o grito, ainda ilegível, daqui seja “queremos nossas vidas”, já que, no sentido das melhoras da qualidade de vida planejadas pelo governo, muitos aqui só a poderiam ter pela primeira vez.

Alberto Pucheu

En la lucha social también los grandes ríos
nacen de los pequeños ojos de agua

Roque Dalton

Paz sem voz
Não é paz, é medo

Marcelo Yuka

Só quando os homens se reúnem em praça pública há política, que é um acontecimento. Negociação de engravatados em gabinete é polícia (administração, gerência). Política é outra coisa, é gente OCUPANDO a rua. Toda política é ocupação. Ocupação que não leva a uma estabilidade. A posse contra a propriedade.

Alexandre Nodari

BOMBAS explodem
a turma em festa
porque tem passeata

Ademir Demarchi

Lembrete

Havia um homem antes da farda:
depois, difícil dizer
visto deste ângulo
a vista turva de gás
confunde a espingarda às mãos, braços, corpo
cabeça.

Havia um homem antes da farda:
depois, difícil
                o amor à ordem,
ainda que caduque e obrigue
a esquecer como basta
o menor dos impulsos para pedra, faca, estilhaço
rasgar-lhe a garganta.

Havia um homem antes da farda:
depois,
        caos, um nada,
anterior talvez à farda
à espera que, de ordem, uma palavra
o preencha,
havia um homem ––

esse verso impossível de lembrar,
se a hora não é de poemas, falhando a voz,
o coturno abafando a garganta, ódio
trêmulo na fumaça dos detritos.

Adriano Scandolara

TENTATIVA
para o poeta Pedro Tostes

Eu queria escrever um poema de dor
de lutar
a contar minha peleja
dos dias de sobreviver
meio ao caos

mas, este lacrimogêneo
arde em meus olhos
a confundir minhas retinas

este cacetete feito pelas mãos do trabalhador
tenta a qualquer custo
a bater-me
violentamente batendo
em mim

e, estas balas de borracha
não machucam tanto quanto
saber que homens fardados
não me deixam dizer
muito menos escrever meu poema de dor e luta
e somos da mesma raça
padecentes das mesmas dores
mas, eles fingem não saber disso
então, vêm sem piedade
combater a minha luta
de só querer viver.

Airton Souza

DIZER TUDO

● dizer tudo ●
● dizer completamente tudo ●
● falar ate a exaustão ●

● falar dos negros ●
● das putas das bichas e das dores ●
● falar das políticas e da economia ●

● falar das fomes ●
● das misérias e das riquezas ●
● falar tudo ate cair e rolar ●

● dizer tudo ate o fim ●
● dizer em ondas e ondas finas ●
● como num mar tempestuoso ●

● dizer com raiva com elegância ●
● dizer cantando e dançando ●
● dizer com alegria e tristeza ●

● e continuar dizendo e gritando ●
● ate depois da língua e da hora ●
● quando tudo se mistura ●

● e dizer tudo e novamente ●
● como se fosse assim ●
● dizer revoltado e seguro ●

● e continuar falando e dizendo ●
● pra se ter a absoluta certeza ●
● de q nada vai mudar ●

Alberto Lins Caldas

SONETO VÂNDALO DE VINTE CENTAVOS

ora (direis), foda-se a copa! “certo,
perdeste o senso”. e eu vos direi, no entanto
que para assim gritar eu tenho tantos
motivos, que me alegra não ter perto

de mim uma granada. o peito aberto
e a lágrima escorrendo não é quebranto,
é que tenho passado pelo aperto
de me manifestar onde, no entanto,

não é possível. só porque, “no fundo,
tudo é uma imensa ignorância política”,
ora direis, “que não é nada crítica

a utilização de bombas de efeito
moral e o gás lacrimogêneo é bem feito”.
eu digo: foda-se a copa do mundo.

Alex Simões

VENI, VIDE, VICI!

Mostramos nossos cartazes
com revolução nas frases
contra o controle do estado.
Estava mesmo cansado,
como toda essa gente.
Machuca a nossa mente
muito mais do que o corpo.
Não somos um peso morto,
a rua é o nosso porto.
Essa eterna exploração
do povo dessa nação,
vai um dia reversar
com essa gente a protestar.
Ninguém mais vai ser tão bobo
boneco da rede globo.
Há muito eu quero gritar:
Esse mágoa nesse peito
vai hoje reverberar!
Esperamos nossa hora
A luta é a partir de agora!

Alexandre Revoredo

VINTE centavos
uma gota
transborda e
a borracha
o gás
a porrada
não vão cessar
essa progressão
infinita
não vão
calar o que
acordou
não mais
seremos sonhos
de línguas tesas

Ana Lucia Silva

VÊ SE VEM

quando o barulho engrossa
nem me vem com essa
de ficar no canto, tapando os ouvidos

tapar os ouvidos só faz com que
o barulho seja vc sozinho, todo o teu medo
e medo já temos bastante nessa cidade

vem, o barulho tá aqui dentro
sou eu, é vc
ouve, deixa que o barulho seja
a gente toda junta

Ana Rüsche

20 CENTAVOS OU DE QUANTO VALE A VIDA

Dá vontade escrever um hino, um manifesto, um grito
Dá vontade perambular à noite na rua onde a cidade existe
Dá vontade vencer todo o passado cínico de tortura

No entanto, para morar na cidade, a paga é o silêncio bovino
De casa, pra escola, pro trabalho, pro cinema, pra igreja
E pra casa, todos ensinam "pessoas de bem" a agir como presos

Dá vontade convencer todos do óbvio -- do estado de sítio --
Dá vontade cometer sacrifícios pra dar sonho aos filhos de meus amigos
Dá vontade ter mais tempo livre sem permanecer insone em trânsito

No entanto, há uma mordaça e um capitão do mato pra fazer calar
E a elipse do grito vai sem nome e anônimo está o passante
De casa pra escola, pro trabalho, pra igreja, pra casa

Dá vontade escrever todos os poemas porque faz todo o sentido
Dá vontade gritar os versos de improviso e circular o que é sentido
Dá vontade surpreender não pela força mas pelo fugaz delírio

No entanto, a paga é muito mais cara que 20 centavos
E aqueles apresentam 20 centavos não somam
Não andam em coletivos abarrotados, estão surdos, exaustos

Dá vontade esquecer o 13 de junho de 2013 em São Paulo
Dá vontade rever todos os amigos e abraçá-los
Dá vontade acordar a vizinhança inteira

Mas não dá
Mesmo assim, a palavra pode criar a rua e circular os sentidos nas pessoas

André Fernandes

NOME AOS BOIS II OU RENOVANDO A LISTA DOS INIMIGOS

Bonner
Feliciano
Regina Duarte
Serra
Jacques Wagner
Bush
Delfim
Kim Jong-un
Eike Batista
Thor Batista
Willian Waak
Blairo Maggi
Garotinho
Bolsonaro
José Sarney de Araújo Costa
Gutierrez
Todos os Gutierrez
Bashar al-Assad
Luiz Datena
George Bush
Luciano Huck
Reinaldo Azevedo
Phil Knight
Newton Cruz
Sérgio Cabral
Edir Macedo
José Renan Vasconcelos Calheiros
Eduardo Paes
Malafaia
Ustra
Ahmadinejad
Hadad
Alckimin
Jabor

André Luiz Pinto

PEQUENO INVENTÁRIO DAS REVOLUÇÕES

insatisfeito o povo
- espécie, agora, de polvo - articula
tentáculos para abrir
a janela da História

e o ar que entra
queima séculos,
leis decrépitas

incêndio
vingador dos mortos
dos feridos daqueles
que caminharam
tanto acorrentados
à marcha dos acontecimentos

Andréa Catrópa

COROLINDO

(em paz)
o povo
acordou,
(no caos)
o povo
a cor deu

Baga Defente

O GRITO DO SANGUE TUPINIQUIM

Águas de maio de 68 nosso sangue
Barricadas e Bastilha nosso sangue
DNA de Guevara e Cohn-Bendict _
Nosso sangue _ DNA de Graciliano,
Pagu, Oswald. Sangue Tupiniquim
Sangue dos meninos mortos pelo AI-5
Marcha ao ritmo de "Grândola Vila Morena"
Desliza ao som de "A las barricadas"
"Há de ser outro dia"
"Caminhando contra o vento,
sem lenço, sem documento"
E este vinagre nas mãos é tão inofensivo...
O sangue dentro _ este é o estopim e o grito _
Este ninguém tira de nós, ninguém tira de mim...

Bárbara Lia

OPUS OPERA

Opusilânime

O governador é membro
da Opus Dei Cacetada,
Opus Dei Spray de Pimenta,
Opus Dei Tiro de Borracha e da
Opus Dei Bomba de Gás Lacrimogêneo.
Depois de seu impeachment
ele poderia fundar
a Opus Dei Motivo,
Opus Dei chilique,
Opus Dei Mole,
ou Opus Dei Azar.
De todo modo, você já
Opus Deu, Chuchu.

OpuSalmo

É Opus Dando que se recebe

OpuSamba

chegou a hora dessa gente
diferenciada
vândala e
cheiradora de vinagre
mostrar seu valor

Opusalada

a pergunta que não quer calar:
voce é Pimenta ou Vinagre?

Opus Day

Se hay gobierno, soy.... Impeachment!

Já deu, picolé de chuchu.

OpuScience

agora é a PP "polícia pacífica"
contra o VVV "violentos vândalos de vinagre"
PP x VVV
de que lado voce samba?

Opu S. O. S.

EXISTE PAVOR EM SP

Opus Ó pus

Geraldo Alckmin:
pergunta aí como se diz impeachment em Francês.

Haddad:
larga o camembert e pega o avião! Aqui tá Russo, Mano.

Opuscúlo

Será que agora a mídia vai dar a cara a tapa?
Olho por olho de jornalista:
quem é vândalo, os manifestantes ou a polícia?

*

OpusCopa

A Copa das Como fedem as ações

Beatriz Azevedo

†
A FORÇA bruta assola,

o embate

a voz versus o gás:
à face —

o disfarce, rastro na escrita

descrevo o ato:

a fúria repleta
a decair sobre a cidade;

botas e borrachas
ordinárias sobre a face,

ladra ruidoso: Vil

a escrita nega o fato,
a fatalidade crível,

o limite da fala
ou o limite do dizível —

a linha limítrofe
a cruzar o gás —

um rio não silencia,
não se cala jamais
†

Bruno Prado Lopes

GOLIAS BRASILEIRO

O povo é passivo a seu sofrimento
e mantém-se quieto e resoluto
de olhos fechados, dominado

mas a hibernação chega ao fim
ele se levanta de seu sono
e acorda para mudar

o povo é um corpo, um corpo de pessoas
um Davi contra Golias
ou seria Golias contra Davi?
o gigante contra o governo

os filhos do Brasil não fugirão da luta
O gigante acordou e não mais dormirá

Caio Fernando

MARCHA PARA EXU (COM CHEIRO DO PARÁ)

Estribilha no céu, o sol poente,
o mesmo caminho de nossos pés pisando a terra.
Nós e o sol: vivos, brilhantes e cansados.
...e a rua, o rio, a chuva, a cheia
e marcha-se:
marcha-se, marcha-se
marcha-se sobre o chão de belém
marcha o chibé e o pajé
entre a cuia do açaí, a goma do tacacá e o sorvete de uxi
e marcha com oxum toda a ilha do maracujá
marcha-se desde o xingu
marcha-se para exu
e marcham conosco encantados e orixás
ao som de maxixe e xaxado
e fumando o tauari.
e baixo chuva, baixo sol: marcha-se sobre belém com muitas faixas
e pena e maracá
marcha-se desde marabá, bujaru e rondon do pará
e marcha-se, ainda que fosse, por um só carajá
ou pelos esquecidos de xambioá: marcha-se, então, sobre chão carimbado.
Só depois se dança o carimbó, na ilha do marajó.
A chuva cai e o vento lambe o mundo.

Camila do Valle

ADSTRINGE A GOELA

Um brinde acre!

Quando quase podres as uvas nos pés conseguiu-se salvar a safra

os deuses riem lambuzados de vinho
e um rio de lágrimas nos transporta
e palavras escorrem das bocas
pacíficas
bélicas
ávidas

Reluziu numa BOCARRA opulenta
dentes de ouro

Quantas moedicas doiradas engolira o peste?
Quero dentes d'oiro bruto! Pra sorrir feito um sol,
pra beber a vida sem corroer-me
E só me bastam 2 vinténs! Evoé, Oxalá!

Carina Castro

ELE SE pergunta
onde dará essa estrada
Não sabemos
se podemos trafegar ao infinito
Não sabemos
se somos
livres
porque não estamos
enclausurados

E ainda sem saber
nos lançamos
juntos
Sabemos
pela rua, no asfalto
entre palavras fugitivas
infratoras
desatadas de seus esconderijos
das paredes de suas cascas

Carla Kinzo

CORPO MULHER VOLUNTÁRIO

O nosso escudo não é o Sagrado Coração de Jesus.
É o nosso corpo.

O nosso corpo não é um milagre. É desejo.

O nosso desejo não machuca. É gozo.

No nosso útero apenas nossa política, nossa fé & nossos poemas. Nosso corpo não se inclina para o nojento lamber de botas e para a cruz que mata: o estuprador não será pai.

Nossa certidão tem espasmos voluntários de um agricultor e de uma professora do Brasil.

A cidade está sendo recuperada. Seu corpo é maior e rígido. O Largo atravessa os sinos: o estuprador não será pai, gritamos.

Cecília Borges,

que recebeu o nome de CECÍLIA RESENDE BORGES.x.x.x.x

nesta cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, neste Cartório compareceu IRON BARBOSA BORGES, casado, agricultor,

Filha dele declarante e de sua esposa MÁRCIA RESENDE BORGES, professora,

Cecília Borges

PRETO NO BRANCO

auriverde pendão da minha terra
em que se plantando tudo dá:
palmeira banana sabiá.
ó país do futuro do passado
em berço esplêndido há séculos deitado
não permita Deus que eu morra
de fome sede pancada
se tudo abunda tudo dá:
mata bola bunda...
a nossa é mesmo mais bonita
ou apenas mais barata?
ah os olhos verdes da mulata!
mata, mata, mata
o preto velho
o filho pardo
o índio coitado
a puta-que-te-pariu:

mas por quem serás amada
patriamadabrasil?

Cide Piquet

A RRUA

absurdo
abmudo
abism'undo

tem hora que o silêncio é cheio de gritos.
tem hora que o grito maior é o silêncio.

é que a rua agora
tem perna
tem punho
tem pulso
e pulsa
e empunha
e marcha:
é a rua.

vira a esquina
bate com a cara num muro duro
escuro
que é falange
que é falácia
e tem sempre razão
(uma razão que é fogo, ferro, canhão.
aparelho de manutenção
– ordem! moral!
algema!, golpeia!,
– protege!
silencia com relâmpago e trovão.

troveja
apavora
e a rua chora
e não é por vintém.
pode ser tristeza
pode ser horror
pode ser pimenta
pode ser ciência
com a ciência de que tudo é dor.
a rua chora,
mas oferece flor.

o muro para,
mas o mundo cai.
o mudo cai:
a rua dá seu grito
– de guerra!,
não , não é.
o grito da rua
só é de guerra quando a guerra
é o maior grito
de paz.

Danielle Takase

A VONTADE PISA A RUA do mundo
O peso do tempo,
O silêncio na ponta de um sopro

A vida cega
Sem sentido segue
Aflita espalha o grito mudo
Por toda a casa, o grito
Por todo o mundo

(Mercado de almas penadas, abismo escuro)

O Mundo fora agita-se
E o tempo fecha
O vocábulo fantasma se manifesta
A explosão de uma canção
(O deserto tomado de respiração)
Cinzas de uma era remota
Irrompem das gavetas

Tomam as ruas
Para demolir os privilégios.

Diego de Sousa

Faca

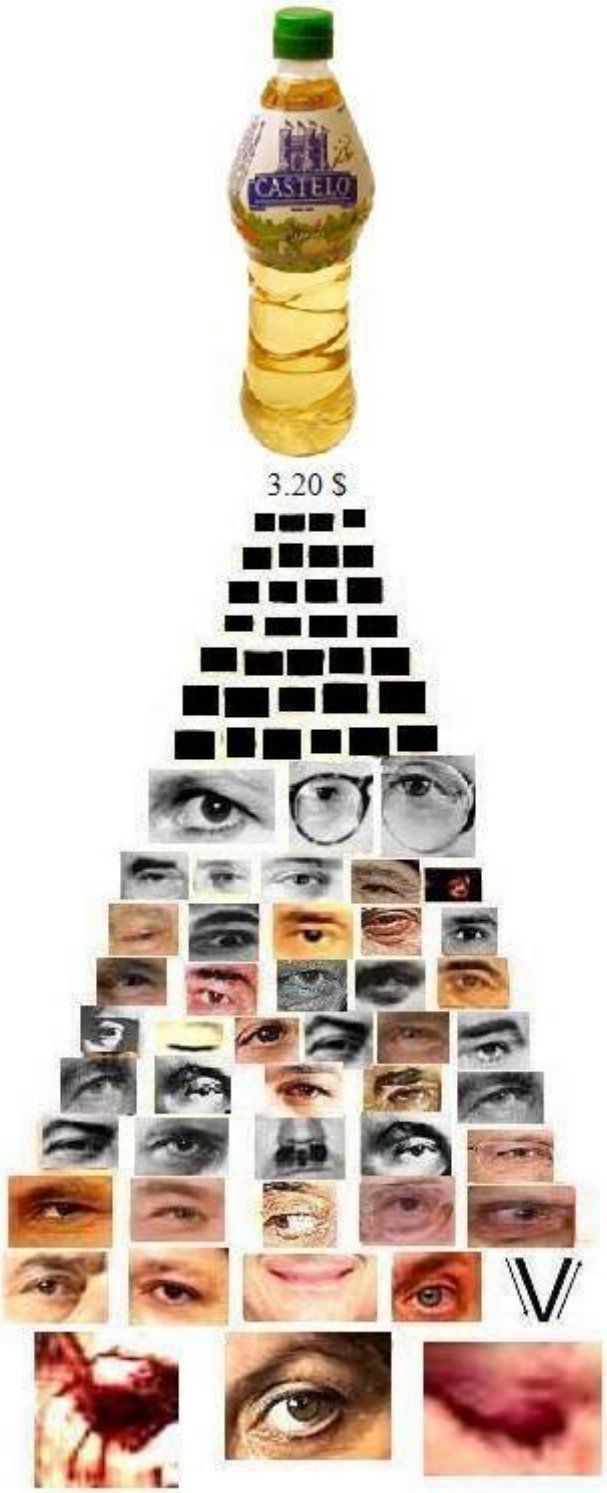
princípios
são mandamentos
nucleares de um
sistema que dirigem
sua exegese além
de constituir o
suporte axiomático
para a integração
de lacunas.
[a voz-rádio-am
narra outro
episódio de lixo
especulado, lua
cortada por sirenes,
eco anônimo
que abafado
golpeia e perfura
a apatia do prédio,
a veia cava]
o fundamento
material de todo
ordenamento
revelado na escolha
de seus princípios
[o sentimento quase
instinto da violência
apascenta mais uma
ninhada de lâminas]

Diego Vinhas

OMNIBUS

a rua não está parada
a rua é
quem na rua anda
a pé

Dimitri Rebello



Diogo Mizael

RETRATO DE UM GOVERNADOR

o governador acorda, bebe chumbo
e espalha pólvora no pão.
o governador obtura suas cáries com balas,
cobre as vítimas com o sudário
piedoso de um cristo todo em sangue.

o governador é um ditador da lei do mais forte,
e tem cães de guarda que vestem farda
e não respondem à razão ou à justiça.
o governador enrola cobras nos microfones,
arranca olhos com mão em luva de pelica.

o governador quer a ordem dos corpos no chão
e protege os eleitores de si mesmos.
o governador é um homem bom em casa,
mesa & banho. usa um rodo pro dinheiro,
e faz a ronda do complexo midiático.

o governador tem mãos em todos os bolsos,
em todos os coldres, e puxa gatilhos
com a língua. o governador sabe de cor
e salteado as cidades do estado.
ao governador falta um pouco de telhado.

são paulo, 13 de junho de 2013

Dirceu Villa

NEM O CORPO

No seu bangalô,
sob o viaduto,
uma estrela
nunca salpicou o chão.
As balas dos revólveres
furaram o zinco.
Só restaram o abandono,
em sua nudez,
e umas roupas
penduradas no varal.
Ali permanecem,
tesas e encardidas,
em meio à fumaça
dos escapamentos.

Não,
ninguém as reivindicou
como herança.

Donizete Galvão

Lenços brancos

eles tem medo da rebelião
medo que tomemos as ruas
que abracemos as árvores
que voltemos a falar
as línguas das florestas

tem sempre este cheiro de pólvora
quando as velhas senhoras sem graça
entram em polvorosa
em seus salões

tem sempre esta coisa
nos faz chorar
e não é o gás,
e a falta de paz
é este peito sangrando
que não cura

só sei que eles
tem medo da rebentação
e esta onda vai tomar as ruas
tantas e tantas vezes

ah! estou um tanto velho
e alquebrado
mas o jovem que arrebentava trilhos
não liga muito para isto

se for necessário
(e sempre é)
enxaguaremos
este leito asfalto
com sangue
e nossas mães
com lenços brancos
na cabeça
com lágrimas

Edson Bueno de Camargo

Começo do mundo

O que pode um corpo
morto que se
descobre vivo?

Como se dobra
o sufoco? Como
se alça o asfalto?

Tudo está à flor
da pele e
subterrâneo.

Rua, começo do mundo.
O que pode um corpo?
O que pode um povo?

Nenhuma tropa
de choque esmaga
a resposta que somos.

Eduardo Sterzi

A IGNORÂNCIA é a última que morre

Elaine Pauvolid

Érica Zíngano

DARK MEDIEVAL TIMES

Para todos os corajosos vândalos do meu tempo

os vândalos botaram vinagre na vã filosofia
botaram de volta a revolta na rua, poesia na poesia

ruído contra a oligarquia, a voz dos vândalos
perfuma o concreto, o asfalto, o tédio, o sândalo

o enfrentamento, o atrito, única resposta válida
ao mundo vago, gago, sombrio, reaça, cara pálida

(de dentro do apartamento o covarde alardeia
seu mimimi, sua burrice, cu na mão & pança cheia)

os vândalos sabem que tanto o preço da passagem
quanto a propriedade são uma imensa ladroagem

contra a bundamolismo do mundo funcionário
o caleidoscópico hálito dos carbonários

revolta, sangue & vinagre, não se perca de si
não se esqueça de si, não amoleça, a rua é logo ali

Fabiano Calixto

QUERO O NOVO!

O futuro
não virá por si só
se não tomarmos medidas.
Pega-o pelas orelhas, komsomol!
Pega-o pela cauda, pioneiro!

Maiakovski

Vou acabar com tudo! Destruir!
Já não quero meus velhos brinquedos
Não vou doá-los
Vou queimá-los!

Estudar já não posso!
Ver esses filmes de explosões e pipoca já não posso !
Essa música enlata, conservada, pasteurizada
Ouvi-la não posso

Quero o novo
O novíssimo
Abaixo a velharia, que resistia

Não quero essa velha escola
Não quero essa velha guarda
Não quero essa velhacaria

Ponha tudo ao pó!
Pra que possamos renascer
Sobreviver!

Se faça uma nova sociedade
Um novo mundo
Sem os infinitos
ISMOS

Que seja então a *ADE*
Verdade, Vontade, Sinceridade, Solidariedade
Capacidade, Cumplicidade sem Competitividade
nem Rivalidade

Essas, eram da outra
da velhinha
Não da nova!

Quero o novo
Um novo povo
Um novo povo vigoroso!

Fora com os senhores
Tomaremos e destruiremos as velhas mansões
E seu carrões

Teremos o novo
Seremos o novo

Se o novo quisermos

Porque o velho serviu apenas para poucos
E nós somos muitos
Milhares de servos

Conquistaremos o novo
Viveremos no novo
Pra que um dia nossos netos ou bisnetos
O colocar abaixo! De novo!

Fabiano Fernandes Garcez

NÃO QUEBRE, não derrube,
Não proteste, não fume,
Não discorde, não crie,
Não ao novo, não à liberdade,
Não, não, não...
Cale-se, e não levante,
Arruaceiros em acuidade.
Não vai adiantar, dizem,
Vai dar em nada; irrelevante.
(...)
Quebre, derrube,
Proteste, fume,
Discorde, crie,
Ao novo, à liberdade,
Sim, sim, sim...
Fale, levante,
Seres contra arbitrariedade,
Cuspam na terra, se desajuízem,
O nada é tudo; (sempre) avante!

Fabiano Maffia Baião

SÓFOCLES LIVRE

- Que gesto abriria
(ri Creonte) o código-fonte
da democracia?

Antígona cala
as teclas. Junta uns asseclas.
E a Ágora é quem fala.

Fábio Aristimunho Vargas

TODO AQUELE MURMURAR de marasmo
que pasmava no ar dessa cidade,
toda aquela pasmaceira de asno,
cobrindo toda a tribo, toda idade,
vai virar grito pra tirar o atraso,
em vez de violência e porrada,
mar de amor e orgasmo!

Fred Girauta

COMO JÁ DIZIA o Cazuza
Enquanto houver burguesia
A poesia vai pro vinagre

Gabriel Pedrosa

NÓS na rua
ninguém
desata

Geovani Doratiotto

SEGUNDA-FEIRA

desconfio que o licor do sonho
e da ilusão, desta garrafa que um dia cheio
está próximo do fim, junto à viagem
e tantas outras coisas que sempre
imaginei, jamais se encerrariam
não que antes não possuísse algum
ceticismo, porém agora, ainda mais

enquanto aqui aos arredores de minha casa
percebo a tranquilidade desse lugar
e como, por alguns instantes, isso
realmente parece fazer parte desta região
e toda tragédia, sangue derramado: apenas
lembrança a ser esquecida
porque agora, protegidos não se sabe
do quê, é possível viver em paz

minhas palavras ideias parecem não condizer
com acontecimentos atuais – portanto ou
fora de contexto ou do tempo:
talvez seja o caso de não abordar
assuntos dessa natureza e, que isso talvez
sirva apenas para um momento outro

no entanto, sob a proteção de
algum manto ou fenômeno misterioso
o poeta é o legítimo conhecedor
do verdadeiro significado de
seus versos, ainda que os destrincham,
os revirem e façam um escarcéu
com suas palavras – e

novamente outro ônibus é incendiado,
outra chacina, um morto a tiros
em frente de casa, outra tragédia consumada,
esfarelando, pondo por terra, todo um sentimento
de paz, harmonia e, toda consternação,
medo, insegurança, tomam, inevitavelmente
de assalto, os versos e a vida

Hélio Neri

Aguarde veneno da água parada

Waly Salomão

e desligo a árvore final da paisagem
com a água
quase no ponto de virar mármore

Armando Freitas Filho

como extrair da brutalidade dos fatos
esse diagrama do futuro
onde se abre
aquela flor central

Marcelo Ariel

que se passa poeta
adiaste o futuro?

Ferreira Gullar

no gado é que dormimos
e nele que acordamos

Carlos Drummond de Andrade

Hoje houve
um passeio
apinhado de gente
mas
a ilha acabou
e todos
marcharam parados

nas margens nas bordas no limite

apertando os pés
contra a ilha

pra lhes nascerem
asas
ou lama
e areia
virarem chão
batido

e excrescesse
soerguesse
envergasse

por cima da água

aumentasse
e mais
tanto

que a ilha
vendo o chão ir em frente
entre céu e oeste
andasse

fez-se um jardim colorido

pra chamar os marchadores
de volta

eles queriam o continente

serraram os pés de uns tantos

cicatrizava

e a verga tocou o outro lado
nomeou-se ponte
e a marcha atravessou
o mar

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2013
em cinco capitais do país o movimento contra o aumento da passagem ganha força, é caluniado e sofre repressão severa.

Heyk Pimenta

LUZES

esta noite vermelha
sob duas luzes quentes
: uma, acesa a sangue
e outra, maior, que nos acende.

são ascendidos os braços, ávidos,
contra o som uniforme dos passos.

e vozes gritando outras cores
defronte à marcha cinza.

ecoa a insaciável ansiedade
pelo direito de ir, vir
ver, viver → liberdade.

o grito pede passagens.
sem o preço
a pagar

: uma luz na história.

Israel Antonini

MANIFESTO CORROSIVO

grito do braço que pensa
grito de fincar a luta
gritos da praça esquecida
grito do antes gemido
preso por vinagre e amido
ávidos por números novos
ávidos por poesia
ávidos em combustão
ávidos coturnos lutam
presos por vinagre e massa

luta com fermento certo
luta que apanha mais cresce
luta da vala tão viva
luta da esquina e do lixo
presos por vinagre e pão

luta tão bruta que grita
luta tão dura: MALDITA
luta tão velha: MALDITA

e vandaliza teu foco
e repudia teu sono
e manifesta em rede
e que colore a parede
e que reflete o teu medo

somos flores e fermento
e vinagre e pensamento
somos placas e bandeiras
livros papo e prateleiras

choque mental que faz rima
choque mental que destoa
do teu choque tão brutal

e que tenha um amigo
e que te pinta de rosa
e que te chama pra prosa

com flores e fôlego nas ruas, o cão.

Ivan Antunes

RECEITA DE BOMBA PRA DETONAR REVOLUÇÕES

explosivas são as flores
portanto, o principal
tambores e dançar
stayin' alive
dar cambalhota lançar tapiocas
não esquecer o vinagre
o vinagre é muito, muito importante

pichar facista sem S, que o S
é coisa da polícia
da gramática
vamos explodir a norma culta
que a língua a rua a flor do lácio é nossa
a cidade a língua é nossa casa é nossa
é nossa

Jeane Callegari

ACHO QUE ACORDAMOS grito esses dias
e menos cordiais, talvez devido
a um coma mal dormido
e porque também meio que não há mais espaço
é sabido que não cabemos mais - todos sabemos disso
nem nas filas nem nos ônibus nem
nas salas de jantar

acho que acordamos grito pra endireitar as esquinas
e pra lembrar aos vizinhos
que só sendo grito
é que podemos falar

João Campos Nunes

Transpiração

São Paulo! comichão nas minhas veias...
Os meus amores são flores feitas de cartolina!...
Oh, Colombina!... Traje de caos... Cinza e cinzas...
Pipoco e gás... Murro e rancor requentados...
Deselegâncias gritadas, sem pudores...
Perfumes de Vinagre... Castelo!
Bofetadas cínicas no Trianon... Ditatorial!
São Paulo! concussão em minha virilha...

Inconformismo a berrar nos turbilhões da América!

Jorge de Barros

Os guardas dormem na fronteira

De repente manifesto
a gente

vai se voltar a um outro escalão:
montanha, névoa, marulho, o metrô que é o nosso trovão

então você acha que os cantos estão mudando de lugar
mas é a gente que vê os homens constrangidos da cidade

e tenta: enseada sobre asfalto, essa manhã,
porque tudo que é, é o nosso

estou no ponto pro Jardim da Glória, lendo a realidade
cientistas descobrem Alpes submersos na Austrália

na contracapa um coração selvagem pela metade
o cheiro de perto do sal um potro de pulmões novos

e o mar, ah oceano cavalgadura,
absolutamente estrangeiro a mim nesse interior sem tamanho

eu juro que esse túnel não acaba
estão nos levando a um lugar de verdade.

Júlia de Carvalho Hansen

BANTUSTÕES OLÍMPICOS

Alguma coisa
sempre cai
(além do queixo)
quando se penetra
em rua
de um mesmo
e alheio território

O bairro mais próximo
(completamente fora de eixo)
estende
muda hostilidade
em pipas vermelhas
na fronteira
a/bando/nada
amontoam-se becos
de armas e ameaças

Vai-se ver a última mulher
vestida de domingo
para um samba de gala
mas o amor
sem passagem
engole mensagem no celular:
há revistas
barreiras
barricadas
pneus incendiados
balé kamikaze em lajes

na esquina
caveirão
para nos lembrar
a perfeita simetria entre a ordem
e o silêncio dos cemitérios

José Antônio Cavalcanti

Ode ao Vândalo

De incendiar sorrisos
e ofertar bombas,
granadas a corrente que nos amordaça.

Cocktail Molotov pra alma
e cigarros para acompanhar a labuta;
os olhos molhados da chuva,
os pés queimados de asfalto.

Fogueiras a tua existência,
interrompes, qual multidões,
o curso das ruas.
Invertes marés.

Hakim Bey caotize teus mares.
Vinde aos Provos teus poemas.
Gustav Metzger teu céu.

Jota Mombaça

Jussara Salazar

OS OUTROS
13/06/2013

Acostumaram-se com os que triplicam
os próprios salários, com o ruído seco
e metálico do suor que vai direto para
o bolso dos que legislam, palhaços;
mas negam o vulto da rua que desafia
os ratos.

Habituaram-se a engolirem sapos,
aos objetos de ódio diversos
rasgando o orifício arrombado;
há quem venda o lanche para ter
o passe do próximo barco,

enquanto alguns repreendem: "ces-
sem essa baderna por míseros
centavos!"

Deve ser mesmo bem complicado
ter de polir de novo a lataria do carro,
chegar atrasado e nem conseguir se
ver na multidão que grita escárnios.

Afinal não sacolejam no obus em direção
ao buraco; sequer têm asco de cuidarem
apenas do próprio umbigo, tinindo – fim do
mundo enxergar só dentro de cada círculo
fechado.

E ainda esperneiam para ficarem mudos os
que protestam na esquina ao lado, “que aqui
na sala a novela já está quase no volume
máximo”.

Lara Amaral

BREVES ANOTAÇÕES DO FAUNO

1. Aqui, a tessitura do inferno se compõe de suaves fios de ódio, tédio e aborrecimento. Trançados, eles configuram o magnífico painel da minha exaustão.

2. Os sapatos da mocinha toc-tocam no assoalho o tempo todo
e sinto vontade de matá-la. Meu colega de trabalho é apenas bobo. Sobre o patrão: ele que se cuide.

3. Topei um acordo. Mas não teve acordo. O combinado é isso que vocês pensaram mesmo. Não querem dar, eu tomo. Se querem, esnobo. Assim a calcinha do mundo cai e eu como vocês todos.

4. Perdi dente, confesso. Perdi oportunidade e mais que tudo perdi a hora. Foram tantas vezes. Mas sua hora vai chegar e ainda tenho os quatro caninos.

5. Não há plano de fuga; não há sexo solidário; ninguém amacia por aqui.
Sou um caçador e não tenho remorso. Minando os vértices do seu ego, eu me enfio nas fendas e fornico como um Dioniso demodê.

Leandro Rodrigues

São Paulo, dias de junho

Vê como a rua começa, Geraldo
Nas nascentes por onde carros e mansardas reinam, a vida parece um boicote. Percebe
a convergência iluminada entre o direito
e o esquerdo da voz?
No pavimento sempiterno em que ronda
a milícia absoluta das nossas causas, Geraldo, a preparação
se deturpa. A chuva não inopera todas as tentativas de ajustamento. Há de se fazer jus
às guerras. A centavos se multiplica o aperto. O esdrúxulo na desculpa, o luxo, corpo a
torpe acusação. A língua, Geraldo. Se somos um,
vê o quando nos perdemos na imensidão dos quilômetros. Aonde os tempos nos farão
estandartes senão aqui — no trinco do silêncio, na direção do timbre, na
Consolacão e na força? Eu reparto com os meus
a fome de passar. Reivindicando o valor do caminho. Mesmo já sem tanta sede na voz e
mesmo o fogo nos olhos, é impossível [nos] perdermos. Mesmo longe.
E toma por exemplo, Geraldo,
a capacidade de sentir o pulso no movimento pacífico
pelo certo. As vias, sob as mãos ácidas. Violência que provêm das égides.
E há muitos, Geraldo. E somos tantos, há tantos dias
a caminhar pelas avenidas que não começaram em ti. Desculpa o transtorno,
mas vê como se revoluciona, Geraldo. E coloca-te no asfalto, a sentir o peso do sangue
às lâmpadas amarelas. O contraste no vidro, salva a pichação.
Uma canção lacrimal, o sussurro
da pólvora atingindo teus labirintos, se não pedirmos muito.
E o diálogo, Geraldo, o que prefeita. O quem se despronuncia nessas noites.
A válvula que nos espelha, com nome de santo.
Vê, Geraldo, como a mudança começa.

Leonardo Chioda

O QUE CABE EM VINTE CENTAVOS?

Em vinte centavos cabem os 7,2% que faltavam
pra inteirar 327% de aumento desde 2000
cabem avenidas humanas
corredores de gente
cabe uma refeição pulada uma catraca pulada
não cabe aumento no salário do cobrador
nem do motorista
cabe a diferença entre preço e valor
cabe impedir de ir e vir
pra lembrar que nem todos podem ir nem vir
cabem cidades virando balcões de negócio
cabe rimar transporte com direito
cabe decretar falência
de ordens e órgãos de um sistema que não serve
nem nunca serviu
cabe a palavra basta
e tudo que ela carrega

Em vinte centavos cabem cartazes bandeiras
faixas máscaras megafones flores e poemas
cabe cutucar sonhos adormecidos
desmascarar conservadores enrustidos
despolarizar falsas polaridades
cabe polarizar
politizar
fazer política com as próprias mãos e bocas e pernas
e pedras pra se defender se for preciso
vai ser preciso porque isso aqui é ditadura disfarçada
com outra cor de farda
e não, não será televisionada
nem compreendida
nem contextualizada
dos dois lados da moeda só a coroa será mostrada
serão coroadas as coronhas os gases
e os ases da violência autorizada
a bala é de borracha a bala é de borracha
e vai doer
vai doer

Em vinte centavos cabem paródias olê-olás
gritos de torcidas e de guerra
cabe escancarar a guerra silenciosa
cabe Turquia cabe Grécia
duas moedas pra tirar as cidades da inércia
cabe reforçar o coro dos gritos do campo e das florestas
onde as balas de metal matam cada dia mais
não, não é só a passagem
é dar passagem pra sonhos e gritos entalados

zero vírgula dois vírgula!
o que as ruas pedem é outro país

Lucas Bronzatto

: SOB A TRANSPARÊNCIA DAS UNHAS, a cidade escura
ali onde os dedos entornariam garras
o título de um livro: trabalhar cansa (cesare pavese)
oculto àquela. à boca cheia
de insultos sufocados
olhos
quando a claridade mórbida
uma sala de espera. e os navios de lata
: canto
de uma terra morta
de uma língua extinta
não
é preciso. não é
preciso
arrancar lirismo da pele exausta. ainda
que depois das cordas
em O Guesa (Sousândrade)
harpa
que se escuta a sós. um tom
absurdo
: não há poesia. não há
poesia pra quem trabalha.
sonhos
embaralhados sujam
as ruas com entreatos
saída de emergência
arrancar
da pele o lirismo
: um lirismo violento.
sob a transparência das unhas, a cidade se alastra
agora, onde os dedos entornam garras
o título de um livro: a plenos pulmões (maiakovski)
exposto àquela. à boca cheia
de anseios declarados
olhos
quando a vivacidade única
um rito de passagem. e os navios de lata
: canto
de uma terra acesa
de uma língua em riste
de repente
arrancar lirismo da pele exausta. ainda
que depois das cordas
em O Guesa (Sousândrade)
harpa
que se escuta a sós. um tom
absurdo
: há poesia. então há poesia
pra quem trabalha.
sonhos
embaralhados sujam
as ruas com entreatos
saída de emergência
arrancar
da pele o lirismo
um lirismo incendiário.

Maiara Gouveia

CONTRA O NAZISMO PSÍQUICO (02)

todas as tentativas de controlar, limitar ou destruir o caos formam a essência do nazismo psíquico, o caos é indestrutível e se multiplica através das galáxias, das palavras e dos silêncios.

O nazismo psíquico tem cheiro de gás lacrimogêneo

nós em nome do poema contínuo nos colocamos contra o nazismo psíquico neo-positivista de todos os governos e contra o nazismo psíquico pseudo-niilista e semi-hedonista da cultura mercantil, onde o ser é trocado por dinheiro, onde as ruas são demarcadas e controladas.

o nazismo psíquico se alimenta da diluição da angústia em um pragmatismo ou utilitarismo disfarçado de ética-estética do vazio que por sua vez se alimenta da lógica do possível imediato da ditadura das coisas.

ora o caos já provou através da história que a vida se move dentro do impossível

e dissolve as coisas no ácido do tempo-morte.

o caos é ambíguo como um elétron, ora é uma partícula de caos visível, ora é uma onda invisível de hipercaos.

o caos não é um teatro.

o nazismo psíquico é um cenário interior construído pela ditadura das coisas-conceito.

o hipercaos não é um poema.

nenhuma palavra jamais tocou na realidade,isso explica porque os escritores sempre fracassam quando tentam vencer o nazismo psíquico com palavras.

mas em verdade vos digo que a poesia fora das palavras é infinitamente mais poderosa do que a ditadura das coisas e ela virá como uma onda viva de dentro do hipercaos tudo o que chamamos de realidade será consumido por essa devastadora onda de sonho.

Todas as Ruas se chamam Rua Liberdade!

Marcelo Ariel

ESTAMOS EM GUERRA, MEU AMOR

Com uma bala de borracha,
na coxa
você me acena
do outro lado da praça.

Estou tonto e meio cego,
e a fumaça que ferve ao redor
diz-nos que o fogo
mal começou.

Estamos em guerra, meu amor,
E com isso mais nos amamos
e nos desejamos.

Entre o meu corpo e o corpo teu,
avança a tropa de choque,
rebenta a multidão.

Marcelo Sandmann

DESFAÇAM A POLÍCIA

Pra pôr a carapuça
não basta ser reaça
precisa que se faça
o casco igual a fuça

Assim não há quem possa
tirar da cara a peça
pois serve bem à beça
a farda à vossa fossa

Na rua o que enguiça
essa violência russa
é o povo que atiça

na gente uma repulsa
de ver nossa polícia

E caça essa preguiça!
Destroça!
Expulsa!

Marcos Visnadi

À LUTA - esbraveja o homem
Que abriga braços e tórax
Em meio ao couro.
Imerso na noite,
Seus tambores ressoam
Encenando a miséria,
Sob uma Lua Vermelha,
Espelho dessas veias que sangram.
Mascarados, de peito aberto,
Caminham nessas noites lacrimogênas,
Sufocados,
Suas lágrimas alimentam o asfalto.
Em meio a náusea, o cacetete,
A bomba, o tiro, a sirene, a cidade,
Ainda sorriem
Por mais parca que fosse a
Esperança.

Marcus Oliveira

VEJO UM RASTILHO que sobe as ruas.
A pólvora é a palavra
a pólvora é o sentimento.
Mas é no coração do povo
que explode a revolução,
a marcha – a dor e a espada.
Somos todos da baderna
somos peito aberto,
e o vandalismo são nossas ideias.
Não é por duas moedas.
Não é por uma bola em campo.
Não é por uma pena em terra.
É por tudo isso, e outros tantos.
Somos um barril de ideologias
somos um povo que marcha à frente
que se levanta da fumaça branca
que finca o pé sobre a borracha
Que joga vinagre na pimenta.
Porque somos todos da baderna
e o vandalismo são nossas ideias.

Mariela Mei

$0,20

Vinte centavos é o preço do tapa
vinte centavos não compra um pão
vinte centavos é o preço do soco
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos é o nome da luta
vinte centavos é a voz de prisão
vinte centavos é o cale essa boca
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos não vale um índio
vinte centavos é o nome do não
vinte centavos é chicote nas costas
vinte centavos é a algema nas mãos.

Vinte centavos não paga um cristo
vinte centavos é uma gota é um grão
vinte centavos é o nome da fome
vinte centavos é a algema nas mãos.

Micheliny Verunschk

#PARTIU, VINAGRE

O ar, irrespirável,
é o que todos sabem.
E por isso vamos para a rua.
Pede-se passagem.
Porque irrespiráveis são os ônibus,
os metrôs, e as salas com
ar-condicionado
onde desempenhamos
o vulgo papel civilizado.
E sabemos que estamos
condicionados.
Admirável mundo novo,
o niilismo, o cinismo,
também se esgota.
E todo o nosso esgoto
está batendo à porta.
Mas onde já se viu? Chamamos
de desobediência civil.
Já decidiram: querem nos sufocar.
Bombas de gás lacrimogêneo,
balas de borracha.
Para demarcar terreno,
impedir o centro,
impor a margem.
Mas pede-se passagem.
Não estamos mais sentados,
e ainda pensam que é por centavos.
É uma questão de tempero,
de sabor, de salada.
Para alguns não é nada,
e talvez não seja bem um milagre,
mas ainda temos o vinagre.

Nícollas Ranieri

NOSSA LUTA é sempre álacre
por mais que seja acre
ver o vinho virar vinagre

Paulo de Toledo

POEMINHA DE OCASIÃO

Escute, beibe,
hoje as ruas estão em chamas
mas você não me chama
para perto de ti.

No prato do dia
vinagre & revolução
mas eu só consigo
pensar no amor:
por você, por mim,
pelas pessoas do busão,
os velhinhos jogando damas,
os perdidos nas filas da vida.

Meu dia não vai azedar
pois a chama que nos arde
vai bater em toda porta
mais do que os cassetetes da polícia.
Não tem cavalaria
que nos tire a galope
desse golpe
do estado de coisas
a que nos acostumaram.

Haja tanta pimenta no ar,
vamos mascar as balas de borracha
nos indignar,
tomar a avenida com o nosso amor
para o mundo ver
e a gente manda ver
neste mundo de horror.

Pedro Tostes

A POLÍCIA É BONITA E ASSASSINA

A polícia é bonita e assassina, os seus crânios e capacetes, o seu pau artificial, os gases lacrimogêneos, seu espírito de corpo, suas algemas, seus carros de água, o seu modo de gritar e expressar.
A polícia nos lembra a morte, nos mostra o revólver, a pistola, o cano do rifle e murmura:
- Estão vendo a morte?
A morte é como uma uva. Doce e escura. Dá vinho.
E vinagre.
Provem o vinagre.
A morte é como o vinagre.
Estão vendo a polícia que se aproxima com seus carros e escudos, com suas armas e catapultas, tão esbelta com suas tropas de assalto em uníssono? Estão vendo as tropas especiais, as tropas de elite já chegam, suas filas tão bonitas, emparelhadas, tão bem formadas que dão gosto?
Podem ver como respondem à mesma ordem, a uma só ordem do sargento, do capitão, que eficientes? Seguem em compasso.
Dá gosto vê-las tão firmes e obedientes! Não é mesmo?
Reparem os capacetes, a alta costura dos uniformes, os crânios de aço polidos, as cabecinhas todas iguais, as boinas verdes, as bocas das armas todas na mesma altura, todas juntinhas, igualmente espaçadas, a ponto de disparar?
É a colheita. Haverá vinho de sangue.
São as uvas da polícia, sim, recém colhidas do quartel, da videira violenta.
A multidão se dispersa.
Ficam as crianças desnorteadas, os poetas, os que não souberam burlar o grande braço da lei. A mão da polícia nos espreme e adiciona seus sumos cheios de arroz e água de sol.
Arroz que devora, triste, a polícia.
Sol que se apaga.

Rafael Courtoisie
Tradução: Maykson Sousa

COTURNOS

No meu poema ninguém manda
Pode pau, pedra e faca
Pode couro, coturno, lenço na cara e pulseira de tachas
No meu poema pode soco-inglês, bomba caseira, de estilhaço
feita com todas as moedas de troco que você guarda em casa
No meu poema pode não só vinagre como conhaque, vinho, cachaça
Gasolina, diesel e álcool
No meu poema pode agência de banco quebrada, ponto de ônibus depredado
carro de luxo virado, impropérios pichados no muro do estado
No meu poema pode murro na cara da PM, cruzado direto, certeiro, bem dado
Pode tomar cassetete na marra e enfiar pela garganta do canalha
No meu poema pode gás no gabinete do prefeito, lança-chamas na sala do governador
Pode peitar autoridades, passar fio de nylon no pescoço e apertar
até fazer falar
No meu poema pode arrancar cada placa, com o nome de cada rua que compõe esta cidade
No meu poema a revolução é a vontade.

Raphael Gancz

UM MOVIMENTO

político no ato da
fala
(legítimo não pela lei
de verniz da
impostura mas pelo
gesto
de quem o aciona na
dança) um movimento
que rompa as amarras
que interrompa
a matéria predisposta
aos horários dos escritórios
e dos centros de compras
um movimento político
cujo eixo seja o
teatro
(não como máscara mas)
como potência
da beleza de todas
as coisas se trans-
formando por meio de
seu próprio movimento
político
sim
num momento
tremendo (a Terra girando
no Espaço) que sendo
em si um evento
se espalhe em mais mil
movimentos
contra a rígida estrutura
da ordem do agora

(Prometeu roubando o fogo
a cada nova madrugada)

Renan Nuernberger

FASCISMOS dissimulados
agora expostos sem ressentimentos.
mergulhados nesses, também,
um mar de lodo e violência:
violência de um discurso mentiroso proferido com sorrisos,
violência de sensacionalismos e falácias
violência de uma liberdade restrita.
mas o momento é propício
nesse minuto não tem comício
e que, quase misticamente,
nos é propiciado para iniciar algo novo, inesperado.,
(o idealismo da ideia tomando concretude, materializando-se)

Renan Virgínio

A HISTÓRIA DA GERENTA

kissing the feet of the man above,
kicking the face of the man below.
Marianne Moore

Para sentar-se à mesa,
ela exibiu as cicatrizes.
Ao ascender à direita
do patriarca-messias
– o falho unigênito –
expôs as cicatrizes
e todos aos joelhos,
boquiabertos frente
à ilusão do materno.
Uma vez à cabeceira,
abobava os convivas
com as acrobacias
de suas cicatrizes.
A gritos de rainha
louca, aquietava
todos os muxoxos
seu salvo-conduto,
imunidade herdada
de suas cicatrizes.
Em meio às rusgas
e a caça às bruxas,
nem as suas rugas
tapam as cicatrizes.
Altaneira, que sono
de justa lhe doam
as suas cicatrizes,
como é sobranceira
ao ditar quem vive
e morre, sem tremer
sequer a sobrancelha!
Chicote em punho,
castigava os dorsos,
mas quem ousaria
questionar a dona
de tantas cicatrizes?
Quando terminou
enfim o genocídio,
– não por detê-lo
mas consumá-lo –
ainda distrairia
a todos, houvesse
alguém sobrado,
com a autoridade
de suas cicatrizes.
Só, afinal, à cama,
sonhou-se em Haia.
Não se sabe, porém,
se qual juíza, ou ré.

Ricardo Domeneck

[1]

Ricardo Pedrosa Alves & Rubens Guilherme Pesenti

[1] Referência a um verso de “Diário de um detento” (Jocenir/ Mano Brown), dos Racionais Mc's.

ESTADO DE EXCEÇÃO permanente
happy bombsday
igreja do pastor alemão
Dita Roussef
III Reich Batista
idelogio do Estado
aumento da infração
voto em bronco
Lula de classes
transmissão ao vivo aos mortos
levita o Leviatã
torcida cordeira
manifestação horrordeira
Estado de direita
de cisão judicial
direitos ou menos
liberdade de opressão
imprensa=marrom
não há governos, mas autoridades
o social contra o contrato social
indústria de poesia bélica
estado de protesto permanente

Ricardo Pedrosa Alves

ESTUDO PARA UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Ninguém mais fala
na propriedade privada
dos meios de produção.

*

Embora sua presença
faça sentir-se ainda
cabra-cega esquiva
como pele que se veste
esboroada em cortinas de espelhos,
embora não menos vivida.

*

Um dia em uma reunião
alguém pensou até em falar
achando que cabia
na discussão, mas depois achou
melhor não.

*

Em negrito no livro didático
alguém talvez
tenha reparado no jogo
entre os meios e as mãos
mais abaixo na frase
acontecia que se perdia
o sentido de algo vivo, fora do livro,
e o que o negrito sublinhava
e por isso fugira
era um ruído do passado
próximo ao carvão
depois de usado.

*

Sob o radar de carcaças
ela contudo navega
em certo sentido bela, vaguíssima,
velha presa política esquecida em sua cela.

*

A paz acelerada que a invadiu
é o mesmo sentimento
em toda parte
na várzea como na hidrovia
por onde carregam minério,
nos sindicatos de vigias;
é a paz de uma faca usada
para cortar o que a cegara.

*

Mas já não se fala, nem
entre a gente jovem da faculdade,
no fantasma-propriedade
que experimenta a solidão
na nave da igreja barroca
de uma partícula de poeira
deixada ali por alguém que visitara
uma fábrica fechada
onde antigamente
se fabricava a luz fria
que ilumina o infinito corredor do hospital.

*

A categoria salário
não pode competir
em poder de explicação
com a categoria propriedade privada
dos meios de produção.
O salário é o homem
em sua dimensão de intestino
enquanto a propriedade é o destino
de tudo mais que a mastiga
como aliás sua saliva.
Uma pele que se veste por cima
das circunstâncias conhecidas
e sai na radiografia.
O salário, ao contrário,
fotografa a arritimia
do lado de dentro do aparato:
espia, apenas, o coito maldito
de alguém que o espera
com alguém que o sacia.

*

A vespa que defende a caveira oca no altar barroco
multiplica-se por instinto
programada para vingar.
A mercadoria reproduz-se com propósito
está atenta ao movimento que a engravida.
A propriedade privada
dos meios de produção
é o altar subcutâneo
em que o objeto celebra
um rito odiado: arranca de sua natureza
um velho coração de objeto
gasto de existir
desde a pedra lascada
e o expõe a uma platéia calada.
Ao vê-lo fora do corpo
vomita sobre ele um novo dorso
e esse novo dorso ganha uma vida
maior que a sua, e mais livre,

enquanto a vespa antiga o sodomiza.
Aqui fora isso acontece
sempre que alguém otimiza
as estretégias que externalizam
custos de transação.
A vespa que visita
nessas horas o escritório
sodomizou no mesmo dia
a carcaça de um objeto
cujo coração exposto
habita agora
um novo corpo.
Se alguém sorri nessa exata hora
sabe que no fundo, embora torta,
celebra-se no mundo subcutâneo
uma festa morta.

Ricardo Rizzo

ÍNDIO (POEMA-WIKIPEDIA)

Anita Malfati morreu em 1964
Em 1964 foram lançados:
My fair Lady,
Il deserto rosso, Dr. Strangelove,
Deus e o diabo
foram lançados
na Terra do Sol
em 1964
Em 1964 Nicanor Parra
ainda é cinquentenário
A paixão segundo G.H. é de 1964 (e
Herzog
"Herzog",
de Saul Bellow, é de 1964)
Em 1964 os Beatles chegaram
aos Estados
Unidos da América,
os Rolling Stones lançaram
seu primeiro disco, Bob Dylan o seu quarto álbum
Em 1964 Ferreira Gullar está filiado
ao Partido
Comunista
Brasileiro
Em 1964 Martin Luther King recebeu o prêmio Nobel da
Paz,
Jean-Paul Sartre recusa o prêmio Nobel de
Literatura
em 1964 (1964 está sendo um ano
longo, escroto, árduo)
Em 1964 morreram reis gregos,
presidentes e generais do Norte e da faixa latina da América
também estão morrendo em 1964
Em 1964 Cassius Clay teve fé,
se tornou Muhammad Ali
e derrubará - índio e impávido - outro adversário: 1964.

Rodrigo Lobo Damasceno

LEI DA VIDA

A árvore poderosa começa na semente
e ainda que o amor seja profundo e alto
é também mínima a semente do homem.
O nascimento do riacho o pólen
o ovinho da branca pomba
a pedra que rodou pelo monte nevado
desde pequena chegam ao mar
ao girassol ao voo interminável
ao planeta de neve que nada deterá.
Na luta social também os grandes rios
nascem dos pequenos olhos de água
caminham muito mais e crescem
até chegar ao mar.
Na luta social também pela semente
se chega ao fruto
à árvore
ao infinito bosque que o vento fará cantar.

Roque Dalton
Tradução: Eduarda Rocha

O BARULHO
Diferente nas ruas
Lacra bocas
O barulho
Que estremece as bases
Lacra bocas
Áulicas da hipocrisia
O barulho
É saca-rolhas

Rosana Banharoli

OVELHINHAS

Ovelha, ovelhinha
Quem mandou sair da linha?

Num rebanho tão obediente
Que história é essa de ser diferente?

E não é que outra segue bem animada
Atrás da ovelhinha desgarrada?

E mais uma e duas e de repente
Quantas ovelhinhas transviadas!

Lá vão as desencaminhadas
Berram velhas ovelhas, indignadas

O que querem essas danadas?
Pasmam tantas ovelhas, atordoadas

Em busca de um novo caminho
Canta a ovelha, ovelhinha:

Se essa rua se essa rua
Fosse minha

Silvana Tavano

bOMBADEEFEITO
bOMBADEGÁS
bALADEBORRACHA

Zum Zois Zrês
.....
gora nos zóio
quero vê sua mira

ZOOOOOOOOOOOM

mais fácil que esculachá vadia
.....
pUTA mERDA!

Takeshi Ishihara

AO PICOLÉ DE CHUCHU

não és filho da puta porque a puta
[mulher decente que é]
jamais pariria um filho como tu
assassino, larápio, covarde
que morras com uma tora
ficada no cu

és tão podre e sórdido que ao
se decompor tenhas sorte
de que seja bicado por um
mísero urubu
pois tua carne chã
só serve aos vermes
que abrirão em ti
buracos
como tatu

Thiago Cervan

O NÃO SINTÉTICO

Na porta tinha um vão.
Eu resisti - não,
eu disse

não.

Thiago Mattos

PRECEITUÁRIO PARA RACISTAS COM RECEITA DE REBUÇADO E CONTRARRECEITA DE ANGU

Ogun pá
lelé pá
Ogun pá
koropá...

(canto afro)

Quem atiça o tição
sabe do risco que corre,
sabe que ao bulir com fogo
é arriscado se queimar,
é arriscado provocar
a ebulição de quanto
há tanto vem nos enchendo
o caldeirão da paciência.

Portanto, todo cuidado
é pouco quando se atiça
o tição, quando se bole
com o fogo, pelo risco
de transformar rebuçado
em ração para a racinha
ordinária dos racistas.

Quem atiça o tição
sabe muito bem do risco
de atear fogo em tudo,
sabe que, ao provocar
a ebulição da massa
é arriscado explodir
o angu em todo mundo;

sabe que, súbito, tudo,
tudo pode ficar preto
& vermelho, como queiram,
num belíssimo incêndio,
um incêndio inusitado.
Pois quem atiça o tição
atira mais lenha aos sonhos
que nos abrasam, braseiro
oculto sob o borralho
dessa vida borralheira.

Waldo Motta

CAMINHANDO sobre a linha tênue. O fio da navalha. Na verdade o que importa de que lado você estará depois que cortarem sua garganta. Na corda do bêbado equilibrista vou sambando com a maré batendo em meu peito. "Quem tiver de sapato não sobra".

Walter Figueiredo

Pós-epígrafe:

Foto: Eduardo Sterzi

EDIÇÕES V DE VÂNDALO

2013